

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º*	Semest 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 658	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	56800	16900	6950	5120	10 DE ABRIL DE 1897	<i>Lihoa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	28000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	26500	—	—		



FERNANDO PALHA

FALLECIDO EM 10 DE MARÇO DE 1897

(Copia de uma photographia)

## FERNANDO PALHA

Eu não sei escrever biographias e, quando o soubesse, o nome, que define sobre a terra uma individualidade, tem direito a mais do que a inútil enumeração de archiológicas tradições e honras sociaes, com que se inebriam e enfeitam as mais vulgares vaidades mundanas.

Nascido nobre e rico, Fernando Palha atravessou, rapidamente, esta vida, em curta existencia de quarenta e seis annos, e foi academico, vereador, deputado, grã-cruz...

Creio que sim. Poderia ter sido mais, para isso lhe sobravam merito e talento; se houvesse sido menos, porém, nem a sua bella intelligencia perdia a menor das brilhantes qualidades; nem se apagaria o mais tenue raio de luz do seu espirito superior e bom.

Ao pobre corpo, agora gelado e inconsciente,

que jaz alem na encosta do cemiterio, e ao meu espirito, hoje vivo e inquieto, que ha de em breve extinguir-se, tambem, no seio da eterna natureza, liga-os, ainda n'este momento, um laço mystico e saudoso. Fômos amigos fraternaes.

Em longos annos de trabalho em commum, na convivencia diaria da mais intima amisade, tive variados ensejos de apreciar as qualidades raras d'aquella complexa individualidade. Se a expressão é permittida, apanhei-lhe a physionomia da alma em movimentos, simples e ingenuos, d'aquelles que não são preparados para a grande scena do mundo.

Nas confidencias mais intimas e sinceras reconheci as justas intenções do seu elevado espirito; no qual, ás vezes, o excesso de boa qualidade, ou de generoso sentimento, se transformou em grave defeito. Em poucos homens, de facto, como em Fernando Palha, se poderá estudar esta singular

aberração animica, de que as organizações apaixonadas e ardentes, impellidas pela apparencia seductora de inflexivel logica, são presas fáceis e, em geral, victimas certas.

Para mim, confesso, a sepultura não apaga os vicios de vida impura e maculada. A morte, muitas vezes, consegue, apenas, affogar as qualidades perversas da alma humana na vil podridão da materia. Sem duvida, a caridade manda que os sentimentos adversos parem silenciosos, ao menos, á beira do tumulo; a justiça, porém, pode descer os degraus...

Atravez da pedra sepulchral, como se fôsse crystalina, o nosso espirito deve contemplar engrandecidas as qualidades boas dos que á terra entregaram o misero corpo, e deixar que as lagrimas sinceras e generosas, dos que soffreram e perdoaram, lavem as culpas d'aquelles a quem o bendoso e puro Christo cobriu, amorosamente, com uma das mais bellas phrases, que existem em lingua humana:

*Aquêle d'entre vós, que estiver sem peccado, atire-lhe a primeira pedra.*

Nas minhas cogitações melancholicas, ao de leve inquinadas d'aquella mysanthropia que nos traz o correr dos annos e a dolorosa experiencia da vida, tenho, repetidas vezes, investigado os caracteres bem definidos, que distinguem, com verdadeira nitidez, o homem da serie infinda dos animaes creados. Esta rigorosa definição era facil aos olhos da antiga philosophia; complicou-se, porém, quando a sciencia moderna demonstrou a creação evolutiva dos seres, desde a simples cellula até ao maravilhoso typo do animal humano. N'este ultimo termo da serie da vida, parece que a natureza esgotou as poderosas forças creadoras, legando ao homem a sublime missão de continuar a grande obra da perfectibilidade infinita.

Ora, se as formas intermedias, que out'ora preencheram as lacunas, reconhecidas hoje pela propria sciencia na evolução dos seres, desappareceram por effeito de cataclysmos, difficeis, aliás, de comprehender e ainda mais de explicar; nas outras revelações os animaes, mais superiores na escala e mais proximos de nós, manifestam actos de intelligencia e de consciencia, que são, pelo menos, verdadeiros rudimentos das qualidades psychicas do homem.

Onde encontrar, pois, essa linha mysteriosa, que separa a alma animal — perdoem-me a heresia — da alma humana, tão complexa, tão perfeita, tão divina, que as gerações passam, e não de passar, esperando e implorando sempre para o ethereo ser o dom da eternidade?

Qual é a suprema qualidade, que nos levanta acima do animal e dentro da propria especie, em tão differentes hierarchias nos classifica e nos engrandece?

Qual é a esplendida virtude, que ao homem nascido das mesmas forças naturaes, deu o direito de se considerar a ultima palavra eloquente da creação, e na alma humana imprimiu profunda aspiração pela liberdade na terra e pela eternidade no Ceu?

O principio da justiça.

Essa qualidade tão singular, parecendo pura e simples como um raio de sol, mas que, passando atravez do coração, se decompõe, tambem, como a luz em espectro de mil cambiantes de ideias e de sentimentos.

O amor sublime da justiça, o seu culto incessante e respeitoso, eis a linha divisória — ia escrever o abysmo — que separa a alma humana do esboço animico do animal, eis a qualidade que define sobre a terra as grandes individualidades, dando-lhes o relativo quilate e o verdadeiro valor. Pois bem, Fernando Palha era um espirito justo; e quem diz justiça diz bondade. A fortuna, a educação e a posição social haviam-lhe, apenas, infiltrado alguns defeitos.

A lucta, a adversidade e o trabalho obrigado acrisolam o caracter humano, destruindo-lhe, a pouco e pouco, imperfeições e tendencias animicas. Depois, a melancolia, invadindo o espirito do luctador, traz consigo a philosophia, talvez a resignação, como doce companheira inseparavel. Desde que abriu os olhos, Fernando Palha tinha visto sempre a vida a sorrir-lhe, era bem natural, bem humano, que lhe correspondesse ao amoroso sorriso. Tinha ancia de viver e desejo de gozar. Como lhe deve ter custado morrer.

Não era, porém, um simples mundano. A sua natureza artistica, o seu espirito vivo e penetrante, a que excepcional cultura apurara as faculdades, exigiam-lhe, imperiosamente, emoções, que a fortuna lhe facilitava.

Em Coimbra onde apenas nos avistámos, era muito estudioso, casara e vivia concentrado n'uma bella quinta, perdida entre a verdura do pittoresco valle do Cidral. Em Lisboa, depois, durante longo tempo, lendo, pensando e escrevendo, viveu recolhido na sua esplendida bibliotheca.

E, contudo, quando na solidão estudiosa enriquecia a intelligencia, mais o affugava, talvez, o desejo da admiração d'esse mundo de grandezas e de honras, do que o prazer, sereno e inefavel, de alargar os horizontes do espirito. Os sabios estudam para saber; os outros para mostrarem quanto sabem.

Este defeito secundario, mais nascido do *mito* que o influenciara, do que da propria natureza, confessava-o elle na intima convivencia.

Depois de acalorada discussão, não violenta, porque já mais os tivemos, terminei uma vez por lhe chamar *vaidoso*.

O esplendido olhar de Fernando Palha, firme, sagaz e ligeiramente ironico, que, nos bons tempos de saúde, brilhava atravez das suas lentes de myope, fixou-me durante alguns instantes.

— E tu? disse, enfim, sem contestar a affirmação?

— Eu? também o sou, talvez... mas por outra forma, respondi.

Espirito justo, coração bom, como tenho encontrado poucos.

Um dia, não me esquecerei já mais, estivemos durante horas sós e silenciosos, trabalhando em um gabinete da camara municipal. Abalado por grande desgosto e illaqueado por sérias difficuldades, creio que, leve e involuntariamente, deixei transparecer a intima magua. Fernando Palha seguiu-me com mal disfarçada attenção, sentia-lhe por vezes o olhar investigador, porque ha olhares que se *sentem*.

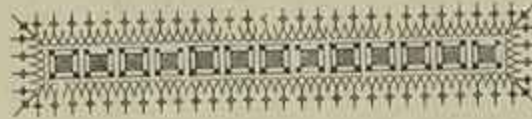
Vi-o levantar, indeciso e tremulo; deu alguns passeios ao longo da sala e, por ultimo, parou em frente de mim. Encarei-o serenamente. A physiognomia de Fernando Palha, alegre e bondosa, transformára-se, adquirindo a expressão de suave melancolia. Nos seus olhos, repletos de humidade, tendia a formar-se a primeira lagrima. A voz, em geral, forte e rude, teve, então, modulações delicadas.

— Espero, disse-me, que terás contado comigo. Não me impressionou tanto a offerta, como a forma, delicada e amorosa, d'aquelle sincero movimento de amizade. Era o seu natural.

Generoso, energico, intelligencia robusta, caracter firme e bondoso coração, tal era aquelle que se chamou Fernando Palha.

A doença, terrível e insidiosa, que o prostou no tumulo, de ha muito, talvez, lhe minava a existencia, enfraquecendo-lhe o espirito com prematura velhice. Quantos actos illogicos dos ultimos annos da sua vida poderão explicar-se pela acção, lenta e mysteriosa, de um amollecimento cerebral? ... Deus o sabe.

Augusto Fuschini.



## CHRONICA OCCIDENTAL

Colhido de surpresa para escrever a chronica d'este numero, na curta ausencia do chronista que, com tanto briho, occupa este logar, vou presuroso aproveitar a timida luz que a Companhia do Gaz vende aos seus infelizes consumidores, na perspectiva de uma nova greve de gazomistas, que ameaça de uma concorrência demasido pratica as trevas que se hão de fazer por essas egrejas de Lisboa, desde quarta feira santa até sabbado de Alleluia.

N'este tempo de liberdades plenas estão no seu direito os gazomistas em quererem explorar a Companhia, pela mesma razão que a Companhia já explora o publico.

So assim deixará de ser uma figura de rhetorica a Liberdade, Igualdade e Fraternidade, entrando n'um caminho pratico que pôde ir longe, muito mais longe que o ponto que o Conselho da Academia de Bellas Artes de Lisboa escolheu para o concurso da cadeira de pintura historica: *Tullia passando no seu carro por sobre o cadaver de seu pae!*

Para achar um cumulo de ambição não era preciso ir tão longe, remontar a epochas tão distantes da Roma pagã, porque as Tullias e até os Tullios são de todos os tempos; são de hontem, são de hoje, serão de amanhã.

Imagine o illustre conselho academico que tinha dado para ponto do concurso, o novo ministerio do sr. José Luciano, passando por sobre o cadaver do ministerio cahido, do sr. Hintze Ribeiro.

Como tornaria muito mais pratico o concurso, com personagens historicos tão conhecidos, cujas similhanças o bom burguez saberia avaliar sob a influencia das oleographias que tem na sua sala de meza.

O sr. José Luciano transformado em Tullia era muito mais apreciado que a ambiciosa filha do decrepito Servio Tullio, que fez suar sangue ao sr. Salgado para conceber na mente toda a crueldade d'aquelle coração de ferro.

Foi certamente sob a impressão d'esse esforço que o talentoso concorrente se lançou ao vermelho e ao almagre para pintar a sua tella, desprezando até o desenho e a perspectiva com a mesma indifferença com que a desnaturada romana desprezou o cadaver de seu pae.

Foi indifferença de mais pelo seu laureado nome, sr. Salgado!

De mais, o quadro d'este professor ao lado do de Columbano, faz um contraste diabolico entre o esbrazado vermelho infernal do primeiro e os plumbios vapores avernosos do segundo.

Todos já sabem isso como todos conhecem e admiram o talento de Columbano. Não é um colorista, nem a correção do desenho e da perspectiva o preoccupam, muito menos se lhe dá de acabar as suas obras. A figura principal do quadro, Tullia, empolga logo o espectador, e firme na sua immobildade de estatua esqueceu-se que estava sobre o plano oscillante de um carro em movimento.

Obra de um jacto, cheia de talento, de individualidade inconfundivel, coisas que são d'elle e que elle não pôde ensinar.

Defrontando com o quadro de Salgado lá estava o quadro de Condeixa, não se sabendo bem se é a Tullia que vai passar por sobre o cadaver do auctor dos seus dias, ou se é a diligencia do Carregado que parte para Alemquer. Muito pintadinho. Suave como uma brisa, frio como o orvalho, não parece obra de um peninsular que vive sob este ceu quente.

D'aquelle massa é que elles se fazem, ouvi eu dizer a um burguez defronte do quadro do sr. Galhardo, e eu concordando plenamente com esta opinião fui-me safando pela porta, deitando um ultimo olhar á Tullia do Columbano, que ainda lá estava firme, calcando sob as rodas do seu carro o pobre velho, que parecia o Sapo de Victor Hugo.

Mas não se diga que Lisboa está falta de manifestações da arte, muito mais consoladoras que as manifestações socialistas que vão deitando as mãosinhas de lóra, nos varios comicios operarios que tem havido por esses quintaes.

A manifestação de que trato foi no salão da Trindade. Um concerto dedicado á memoria de Carlos Gomes, pela Real Academia de Amadores de Musica. Um concerto de primeira ordem, como o são sempre os d'esta Academia.

Tenho ainda nos ouvidos as notas vibrantes de uma garganta privilegiada; o duetto do Guarany, cantado pela distincta amadora a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Ida Blanc e o sr. Franco de Castro, um distincto amador do Porto. Os applausos resoaram em toda a sala, as flôres cobriram o palco. Desde a tribuna real, onde as magestades assistiram ao concerto, até ás ultimas cadeiras da sala, o enthusiasmo vibrou como uma só corda tocada pela mesma mão.

Outro attractivo teve ainda este concerto e foi o reaparecimento, em publico, de Antonio de Andrade, que uma impertinente doença de ouvidos tem trazido retirado da scena lyrica, ha mais de cinco annos.

Foi outro triumpho para o querido artista, que cantou tambem um trecho do Guarany, com todo o colorido da sua bella voz.

N'esta charneca da vida consola encontrarem-se momentos em que reconhecemos alguma coisa de sobre humano n'este mundo de misérias. A arte é que principalmente pôde proporcionar alguma d'essas felicidades, ora contemplando as suas obras, ora escutando os seus poetas, quer na palavra quer na musica.

Quando morre algum d'esses cultores da Arte, morre um bemfeitor da humanidade. Recordar a sua memoria é sempre um acto de gratidão e foi o que a Academia dos Amadores de Musica fez, não se esquecendo de Carlos Gomes.

Não esqueçamos tambem um artista, que o era na verdadeira accepção da palavra, Leandro Braga, o grande escultor em madeira, que a morte arrebatou do seu atelier, quando elle se preparava para principiar um novo trabalho para a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> Duqueza de Palmella. Uma morte repentina, talvez a que menos custa á victima, mas a que mais surprehende e magoa os que ficam.

Se podesse servir de consolação ao morto a manifestação de saudade e respeito que um numero de amigos e admiradores foi prestar junto do inanimado artista, elle descerraria os labios mudos n'um sorriso agradecido como quem lhe não roem os remorsos de ter sido um inutil n'esta vida.

Ahi o estão a attestar innumeradas obras suas em estabelecimentos do Estado e em casas de particulares, transluzindo em todas ellas o talento do seu auctor.

Mas não param aqui as noticias tristes, e agora temos a registar um crime, uma desgraça que victimou dois homens, um que foi para o tumulo, outro que foi para o carcere.

O acontecimento deu-se em Bellas, entre o sr. Malheiros, pharmaceutico d'aquelle terra, e o sr. barão de Castro Silveira, medico que ali estava a arez. Os dois, que andavam em desintelligencia por causa de uma receita do medico que o pharmaceutico não quiz aviar por estar errada, encontraram-se dentro do carro que traz os passageiros para a estação do caminho de ferro, e ali estabeleceram conflicto, de que resultou o pharmaceutico receber dois tiros de revolver, um no ventre e outro na cara, que o medico lhe disparou, morrendo o ferido poucas horas depois.

E aqui está como por tão pequeno agravo se desgraçam dois homens, indo um para as mãos do coeiro e outro para as mãos da justiça.

E como se não bastasse esta desgraça, outra veio tambem alarmar os espiritos; a de uma explosão na fabrica de polvora em Corroios, pertencente á firma Francisco Carneiro & Commandita, sendo os socios commanditas os srs. Bensaude, Bacellar e Freitas, Ferreira Marques e Fonseca, e Souza Lara & C.<sup>a</sup> Esta fabrica foi inaugurada no verão do anno passado e occupava a area de cerca de 1 kilometro.

A explosão deu-se na officina das galgas, onde se moia o enxofre, salitre, nitro, etc., e deve ter sido consequencia de algum attricto mais violento que produziu fuisca n'uma galga.

Dos dezenove operarios que trabalhavam na fabrica, morreram logo 5 e ficaram gravemente feridos 4.

Irrisão da sorte! Uma das victimas que morreu logo foi o operario João dos Santos, que tinha por alcunha o *Cautella*.

Os feridos vieram para o hospital de S. José, onde se acham em miseravel estado, parecendo que serão impotentes todos os esforços da sciencia para os salvar.

Por muito que a sciencia progrida, mais lhe resta que vencer, e ao passo que em cada dia se fazem descobertas e se discutem questões scientificas, ainda não se achou meio de restaurar órgãos essenciaes á vida, que uma doença ou um desastre damnificaram.

E comtudo nunca se trabalhou tanto como actualmente para debellar tantos males que affligem a pobre humanidade.

Ainda ha pouco reuniu em Veneza um congresso

so medico em que tomou parte brilhante um nosso compatriota, o dr. Souza Martins, uma gloria da ciencia e uma gloria portugueza.

Das duas secções em que se dividiu o congresso, foi dada ao dr. Souza Martins a presidencia de uma d'ellas, honra altamente significativa onde se reuniram sumidades medicas dos paizes os mais adiantados.

O dr. Sousa Martins honrou o seu paiz mais uma vez no estrangeiro; a classe medica fez-lhe uma manifestação digna offerecendo-lhe um banquete de cento e tantos talheres, no hotel Braganza.

Foi uma festa deslumbrante, em que tomaram parte 132 collegas de Souza Martins.

Ao *Champagne*, o dr. Manuel Bento de Souza, em nome da classe medica, fez um brinde a Souza Martins, em linguagem facil e colorida do humorismo do seu espirito superior. A este brinde correspondeu Souza Martins com a eloquencia que todos lhe reconhecem. Muitos outros brindes se seguiram feitos pelos srs drs Bombarda, Zophimo Pedroso, Pitta, Carlos Tavares, Eduardo Burnay e Cunha Belem, o que a todos agradeceu Souza Martins.

A sala de meza parecia um jardim, tantas eram as flores e os arbustos que a ornamentavam; na sala immediata o sexteto Quilez tocava escolhidas musicas.

Consoladora festa, como consoladoras são as noticias que vem da campanha dos namarraes, que felizmente chegou ao seu termo com novo prestigio para a auctoridade portugueza em Africa. Desappareceram os receios que havia por esta campanha, graças à boa direcção que Mousinho de Albuquerque deu ás operações.

Estabeleceram-se os postos militares e ficaram garantidas as relações do commercio, no paiz dos namarraes. Em compensação as noticias de Gaza não são tão lisonjeiras. Umas revoltas de alguns regulos obrigaram a um movimento de forças militares de que ainda se não sabe o resultado, havendo contudo noticia de ter partido para do, Lourenço Marques, Mousinho de Albuquerque, para d'ahi seguir ás terras de Gaza.

Uma noticia de sensação chegou á ultima hora. Lisboa, que ha dias andava suspensa sob o concurso do theatro de S. Carlos, pôde respirar.

E' sempre uma questão magna, esta do concurso para a opera lyrica e que até já chega a ter as honras de ser resolvida em conselho de ministros, como qualquer nota diplomatica das potencias ou algum novo monopolio das pontas de cigarros.

O conselho de ministros pronunciou-se pela proposta Paccini como a que offerecia mais garantias, deixando a perder de vista o charuto do sr. Freitas Brito, pelo que os *diletantis* poderão contar na futura epoca lyrica com grandes melhoramentos na sala de espectáculo, o mesmo preço nas recitas extraordinarias que nas de assignatura e duas operas novas, pelo menos, com o respectivo guarda roupa, scenario, etc., etc.

Emquanto isso não chega vamos ter uma companhia lyrica no theatro de D. Amelia, que se estreiará em sabbado de Alleluia, e as diversas revistas que estão fazendo turor na Trindade, na Rua dos Condes e na Avenida.

Dos Colyseus só um está funcionando, o da rua Nova da Palma, com uma companhia de cavalinhos, que se estreiou no sabbado 3 do corrente, e que todas as noites chama a concorrência do publico, sempre bem disposto para aquelle genero de espectaculos.

Até lá ha um ventriloquo que intriga os espectadores com os seus bonecos fallantes, levantando altas questões de sciencia astronomica.

Um dos bonecos, muito galhofeiro, pergunta se a lua é habitada, ao que o sr. Martin responde affirmativamente.

Elle, porém, duvida e volta: — Se a lua é habitada, onde se mettem os habitantes quando é quarto mingante!

Lynce.

## O QUADRO DA MIZERICORDIA DO PORTO

O celebre quadro que se admira na sala das sessões da meza da Santa Casa da Misericórdia do Porto, e que tão viva discussão tem levantado não só sobre o auctor d'essa magnifica obra de arte, como acerca dos personagens que n'ella figuram, refere-se indubitavelmente á instituição das Misericórdias em Portugal.

Primitivamente collocado na capella de S. Thiago do claustro velho da Sé portuense, só d'alli foi transferido para o local onde actualmente se encontra, quando em 1559, segundo se vê do antigo

compromisso, se construiu na rua das Flores a actual igreja da Santa Casa, e edificio annexo.

Foi sempre, e em todas as epochas tão desconhecido o valor artistico d'esse quadro, que nem nos inventarios antigos, nem nos modernos, se faz a menor menção d'elle!

Quem primeiro escreveu a respeito do mencionado quadro, foi o padre Luiz de Souza Couto, cartorario paleographo da Santa Casa, que deixou uma monographia manuscripta, que existe na secretaria da mesma Santa Casa.

Em consequencia, porém, dos limitados conhecimentos artisticos d'aquelle illustrado ecclesiastico, deu elle como auctor da pintura, o fallado artista viziense Grão Vasco ou Vasco Fernandes, asserção de todo o ponto erronea, pois é por todos reconhecido que o quadro foi pintado no estrangeiro, pertencendo sem duvida á escola flamenga. Ainda em um exame muito recentemente realisado á madeira em que a pintura foi feita, se verificou ser ella carvalho do norte.

Depois do padre Luiz de Souza Couto, muitos estrangeiros e nacionaes se tem occupado do notavel quadro e ainda agora, em discussões suscitadas, com louvavel empenho, se tem accentuado a discrepancia de opiniões sobre o seu auctor ou auctores e os personagens n'elle representados.

Ao passo que um escriptor attribue o quadro aos Van Eick que estiveram em Portugal de 1428 a 1430, referindo mais que a figura do monarcha que n'elle se vê é a de D. João I, outro quer que a pintura seja de Gerard David van Oudewater (hollandez) e finalmente um terceiro afirma que a parte superior do quadro é de Bernardo Van Orley e que o rei n'elle representado é D. Manoel.

Esta ultima opinião pertence a um cavalheiro que de ha muitos annos vem procedendo a investigações historicas e artisticas a respeito do quadro e que ainda ha pouco, em uma palestra realisada na secretaria da Santa Casa, a pedido do respectivo provedor o sr. dr. Paulo Marcellino, deu conta do resultado dos seus estudos, resultados que ha mezes elle havia depositado, devidamente lacrados e sellados, na redacção do *Commercio do Porto*.

Refro-me ao sr. Cherubino Lagóa, cartorario paleographo da Misericórdia, hoje aposentado, e apreciabilissimo amator de bellas-artes.

A meu parecer, é este quem melhor e mais racionalmente tem estudado a questão, e quem mais se approxima da verdade relativamente ao auctor ou auctores do quadro.

Começando pelos personagens que n'elle figuram, testifica o sr. Cherubino Lagóa que os monarchas que alli se veem ajoelhados são D. Manoel, que instituiu a irmandade da Misericórdia do Porto em 1502, e D. Leonor, irmã de D. Manoel e viuva de D. João II, que em 1498 fundara a de Lisboa.

Como prova d'estas opiniões o sr. Lagóa cita trechos do insigne chronista Damião de Goes e de frei Luiz de Souza, apresentando tambem a photographia de uma das portadas de um dos livros chamados na *Letura Nova*, publicado por Alexandre Herculano na 2.ª edição do *Rolero da viagem de Vasco da Gama á India*, em que se vê o retrato coevo, de D. Manoel e no qual á parte as incorrecções de desenho d'aquelle illuminura, ha certamente grandes pontos de similitude com o do quadro de que nos estamos occupando.

O sr. Lagóa cre igualmente ter descoberto na referida portada os retratos do principe D. João e do infante D. Luiz, filhos de D. Manoel.

Diz tambem o sr. Cherubino Lagóa, que os principes que se veem ajoelhados ao lado de D. Manoel, são seus filhos D. João, D. Izabel, D. Beatriz, D. Luiz, D. Fernando, D. Afonso, D. Henrique e D. Duarte e que o chapéu de cardeal collocado no chão, em perspectiva d'estes dois ultimos personagens, demonstra a qualidade, que ambos tinham, de cardeaes.

Que ao lado da rainha D. Leonor, se veem as aias e demais damas do seu serviço.

Que o prelado que figura no retabulo, é o archbispo de Lisboa D. Martinho da Costa, cuja presença era indispensavel em cerimonia tão importante como a da instituição das Misericórdias em Portugal.

Que os personagens que se distinguem por detrás d'este, são os treze irmãos com que começou a funcionar a Misericórdia de Lisboa, sendo sete nobres e seis plebeus, numero symbolico dos treze apóstolos. (A photographia, por incompleta, não deixa bem distinguir esses treze individuos, que aliás se veem perfeitamente no quadro original).

Que entre esses treze irmãos se nota o provedor, tendo aberto, na mão, um livro, decerto os evangelhos.

Finalmente, que do outro lado da cruz se veem treze personagens, um dos quaes na opinião d'elle Lagóa, é Van Orley, o pintor a quem attribue parte do quadro, e os dois seguintes outros dois artistas, sendo um d'elles talvez portuguez, pelo seu typo, que o auxiliaram na execução do retabulo.

Para prova d'aquella affirmação, o sr. Lagóa apresenta a photographia do quadro existente no muzeu de Munich, «S. Norberto refutando o heresiarcha Tanchelm», no qual Wanters diz estar o retrato d'aquelle artista, retrato incontestavelmente muito semelhante ao que se encontra no quadro da Misericórdia, isto a despeito de outro retrato que se diz tambem do mesmo artista, pintado por Durer e que existe na galeria de Dresde.

As razões porque o sr. Cherubino Lagóa attribue a parte principal do quadro, Christo, a Virgem e S. João Evangelista, a Bernardo Van Orley, fundamentam-se no triptico d'este artista, existente no muzeu de Bruxellas, intitulado: «Le Christ pleuré par la Vierge et les saints».

A cabeça, expressão e attitude da figura de S. João, d'este triptico são perfeitamente semelhantes ás do quadro da Misericórdia. As figuras da Virgem e do Christo dos dois quadros, tem igualmente muitos pontos de contacto.

Ha ainda a notar que no triptico de Van Orley se veem varias damas, cujos vestuarios e toucados se assemelham muito aos das damas do retabulo da Misericórdia.

Finalmente, o sr. Lagóa, para demonstrar ainda que o quadro é, sem contestação, de artista estrangeiro, refere-se á paisagem, em cuja flora ha exemplares que não se encontram na do nosso paiz, e faz notar que o estylo das edificações que se veem nas paisagens dos quadros de Van Orley é o mesmo que apresenta as do quadro da Misericórdia.

Assim, pois, Bernardo Van Orley, que foi discipulo e amigo de Raphael Sanzio, é na opinião do sr. Lagóa, o auctor da parte superior do quadro; que a paisagem foi pintada por outro artista, talvez algum discipulo distincto, d'aquelle, e as restantes, ainda por um terceiro.

A proposito, o sr. Lagóa, referindo-se ao retrato de el rei D. Manuel, do quadro da Misericórdia do Porto, desfaz o erro existente, de se attribuir ao cazamento do referido monarcha o quadro da Misericórdia de Lisboa, que na sua opinião representa mas é o casamento de D. João II, sendo portanto d'este monarcha, e não d'aquelle, o retrato que n'elle se destaca.

Finalmente, para mostrar a grande similitude com D. Manoel e a persistencia dos traços caracteristicos da raça d'Aviz, o sr. Lagóa apresentou a photographia do magnifico retrato de D. João I, existente em Vienna.

Eis, pois, as conclusões a que chegou o erudito investigador, conclusões que de preferencia accetamos a quaesquer outras que tenham sido adduzidas, e que muito menos tem callado no nosso animo.

Convem esclarecer que no precioso archivo da Misericórdia do Porto não existe o menor documento que se refira ao mencionado quadro. Contudo houve um livro, que desapareceu, e que era o 1.º volume de tres, de apontamentos, onde dia a dia se lançavam as notas de tudo o que se fazia, inclusive pagamentos de lavagens de roupa, etc.

Os dois volumes restantes ainda chegaram a ser salvos de uma completa destruição, pelo sr. Cherubino Lagóa, quando paleographo da Santa Casa, mas o primeiro, onde sem duvida se encontraria menção do quadro, com todos os pormenores do seu donatario, auctor, etc.; esse não se sabe que destino levou. Um antigo provedor affirmava que o referido livro existe ainda no paiz, mas se tal succede, ou se acha ignorado entre os cartapacios d'alguma velha livraria particular ou nas mãos de quem não lhe reconhece o valor.

Porto, 30 de março de 1897.

Manoel M. Rodrigues.

## A DESCIDA AO TUMULO

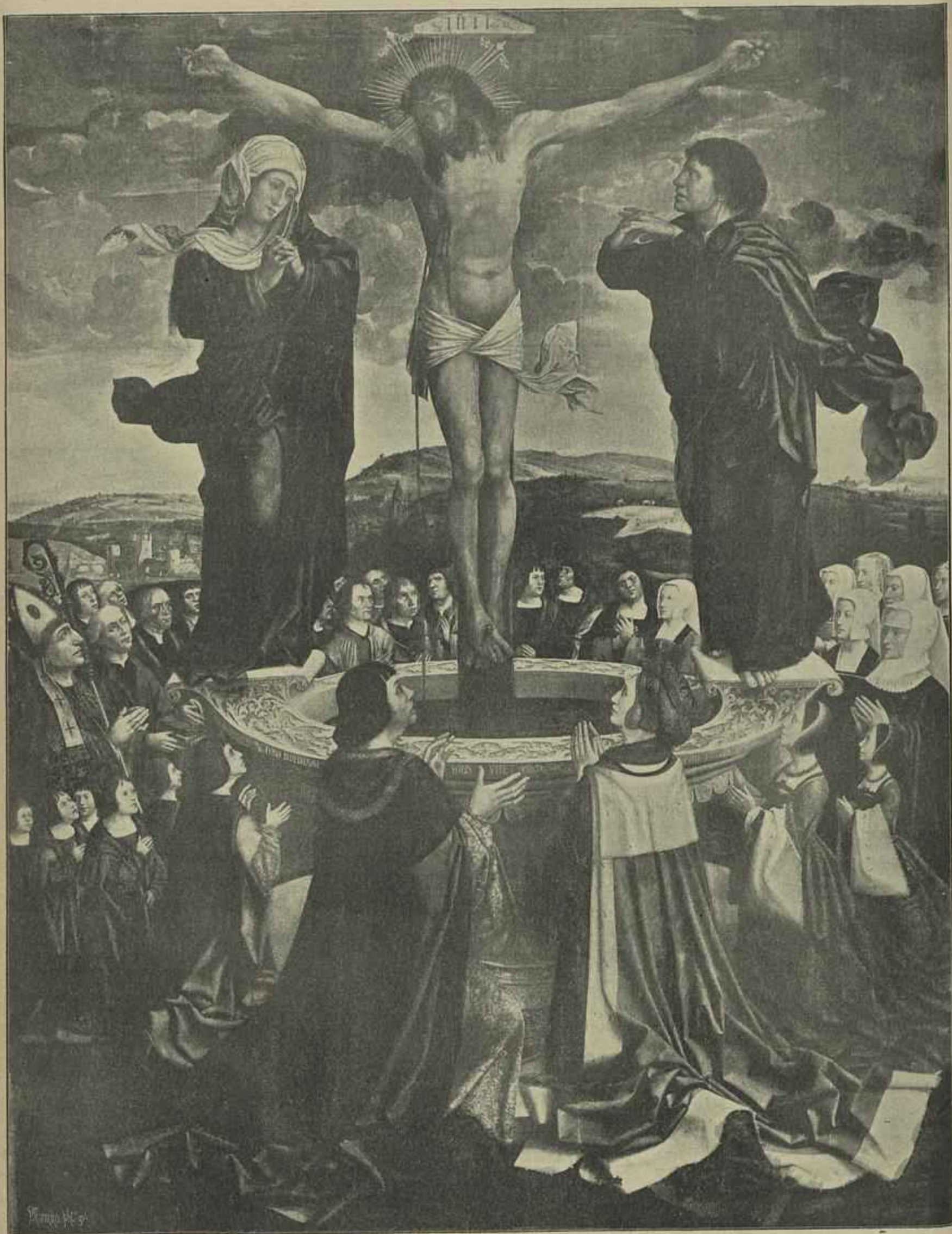
Soara a hora final do sacrificio!

Que hora aquella!

A Terra abalou se em convulsões de horror, apavorada ante o Decidido. O Sol encobriu os seus raios luminosos entre as densas nuvens que forraram o firmamento.

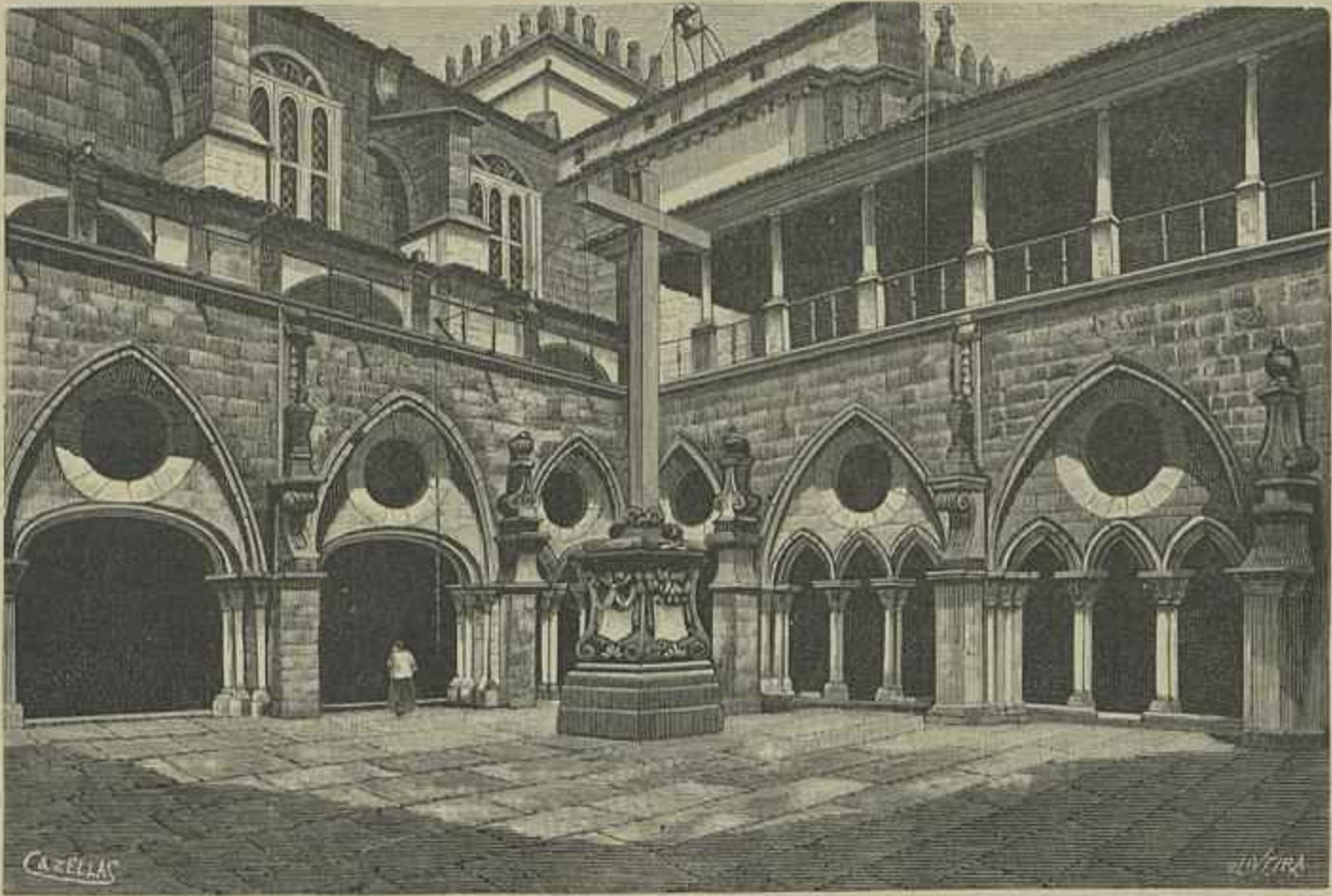
Noite prematura!

Os elementos desencadearam-se, rasgando de



FONS MISERICORDIE, FONS VITÆ, FONS PIETATIS—QUADRO ESISTENTE NA MISERICORDIA DO PORTO

(Cópia de uma photographia)



CLAUSTRO DA SÉ DO PORTO ONDE ESTA A CAPELLA EM QUE A RAINHA D. LEONOR  
FUNDOU A MIZERICORDIA

Vid. artigo «O quadro da Mizericórdia do Porto»



DESCIDA AO TUMULO

espaço a espaço o veu negro  
flechas de fogo, a luz fugitiva  
das quaes se via hirta no Calva-  
rio a Cruz, d'onde pendia o  
corpo inanimado do Justo.

O trovão rugia, e do Ceu des-  
penhavam-se jorros d'agua.  
Eram gemidos da natureza que  
chorava.

A idéa da justiça nasceu com  
o mundo, obra de Deus; a con-  
demnação do Justo, que expi-  
rava no patibulo, era uma in-  
justiça tão flagrante que o mun-  
do estremeceu, o Ceu e a Ter-  
ra bradaram

A tão grande abalo aluiram-  
se as pesadas louzas e os mor-  
tos ergueram-se hirtos d'entre  
os gelos das sepulturas.

Do alto do Calvario avistava-  
se o mundo vasto que ia de-  
sfrontrar-se com a eternidade.  
Ao sopé da montanha estendia-  
se Jerusalem, a cidade querida  
de Deus e agora maldita, afon-  
gando os remorsos do seu at-  
tentado, entre as orgias dos seus  
festins.

Que hora aquella!  
Ao clarão dos relampagos  
viam-se fugindo espavoridos os  
algozes, que momentos antes  
ajudaram a consumir o Deici-  
dio. Fulminavam-os os remor-  
sos, mais que os raios que se  
cruzavam na amplidão.

O monte despovoara se e de  
toda aquella horrivel scena  
poucos restavam em volta da  
Cruz.

Era um grupo de dôr!  
Maria sustinha em seus fra-  
gos braços o corpo de seu fi-  
lho, de que não podia apartar-  
se. As lagrimas crystalisavam-  
se-lhe nas faces como gotas de  
sangue que gelava; vinham do  
coração dorido, quasi exhaus-

to; eram particulas do seu ser  
arrancos d'alma de uma dôr de-  
vorada em silencio!

Junto de Maria estava João,  
concentrado em sua magoa,  
contemplando absorto o quadro  
que tinha ante seus aial enxu-  
tos olhos.

As Santas Mulheres, prostra-  
das, regavam com suas lagrimas  
a mortalha de Jesus, livi-  
do, exangue.

José de Arymathea e Nicode-  
mos, de joelhos, consternados  
de não poderem valer a tanta  
afllicção, esperavam o momen-  
to de conduzirem ao sepulcho  
o corpo de Jesus, como já em  
seus braços o haviam descido  
da Cruz.

Esse momento chegou, e ia,  
enfim, a Mãe separar-se do  
Filho.

Nova e mais pungente dôr  
alanceta o coração da Santis-  
sima Virgem!

A tímida luz das estrellas mal  
rompe as trevas profundas da  
noite.

O grupo caminha agora va-  
goroso, em silencio cortado  
aqui, acolá, por um gemido, por  
um suspiro do coração que es-  
tala.

Approxima-se do sepulchro,  
frio e mudo, que vae encerrar o  
corpo do Divino Mestre.

Que abandono! Tudo de-  
sumparou o Homem Deus!

As turbas fugiram espavori-  
das, os discipulos afastaram-se  
receiosos.

José de Arymathea e Nicode-  
mos chegaram junto do sepul-  
chro, conduzindo o cadaver de  
Jesus. As Santas Mulheres es-  
pargem balsamos sobre a mor-  
talha e no interior do tumulo.

O discípulo amado, João, confrangia-se ao vêr tão dolorosa scena. A Mãe extremosissima sentia desaparecer ansiosa os ultimos momentos de vêr seu amado Filho. prestes a encerrar-se sob a lousa do tumulo.

Um ultimo grito de dôr resou pela montanha como que repetindo o echo da pesada campã cahindo sobre o sepulchro.

Depois, tudo ficou silencioso, em recolhida ma-gua. Estava tudo acabado.

C. A.

## AUTOMOBILISMO

### A CARROAGEM ROSSEL

Proseguindo em darmos noticia do desenvolvi-mento que vae tomando o automobilismo, encon-tramos no nosso collega *Gazeta dos Caminhos de Ferro* o seguinte artigo, sobre a carroagem Ros-sel, que pedimos licença para transcrever.

Dia a dia, vae o automobilismo tomando maior desenvolvimento. Os typos dos vehiculos que em-pregam este systema multiplicam-se a olhos vis-tos, e as casas constructoras empenham toda a sua energia, estudo e boa vontade, para conse-guirem apresentar ao publico vehiculos automo-veis, que tenham todos os requisitos indispensa-veis, taes como são a segurança, regularidade de funcionamento, solidez e economia. O automo-bilismo, a que chamam a *viação do futuro*, tomou, n'esta epocha, uma febril intensidade de desen-volvimento, a pontos de, até já em França, as companhias exploradoras dos serviços de viação se preoccuparem vivamente com esta questão.

Os accionistas da *Société générale de voitures* mostraram-se, ainda ha pouco, de certa forma in-quietos com o apparecimento já consideravel de vehiculos automoveis; porém o relatório do con-selho fiscal da *Urbaine*, sua similar, pareceu tran-quilizar-os. Com effeito, n'este relatório, bastante extenso, trata-se de desenvolvimento do automo-bilismo e da sua possível adaptação ás carruagens de aluguer, mostrando que, não tendo appare-cido até hoje nenhum typo de vehiculo automo-vel de superior efficacia garantida, a companhia deve esperar, até que um dia elle se encontre.

Mas, por outro lado, as grandes sociedades de credito, n'esta lucta de especulação constante, pa-recem disputar o lançamento do *fiacre* automo-vel, havendo-se já fundado em 10 de fevereiro ultimo uma sociedade especial, com o titulo de «Sociedade de estudos de trensvias e carruagens automoveis», sociedade esta, em que entram o Banco de Paris, o Banco Internacional, o Com-ptoir d'Escompte, o Credito Industrial e a Socie-dade Geral.

Como se vê, o automobilismo toma grande im-portancia, sendo assumpto de constantes e acti-vos estudos actuaes.

Continuamos pois a publicar as gravuras de al-guns dos mais perfectos typos de carruagens auto-moveis.

Cabe hoje a vez ás carruagens *Rossel* que, por sua elegancia, solidez e primorosa construcção, se tornam particularmente recommendaveis.

As carruagens typo *Rossel* são movidas por motores systema Daimler de essencia de petro-leo.

A caixa da carruagem e o motor assentam sob-re um duplo *chassis*, de tubos de aço, que se communicam, servindo ao mesmo tempo de refri-geradores da agua, destinada ao resfriamento dos cylindros, aos quaes é levada por uma pequena bomba. Para cada 40 kilometros, alguns litros d'agua bastam ao aprovisionamento do vehiculo. Estas carruagens são providas de magnificas mol-as de grande flexibilidade, e além d'isso, as ro-das são guarnecidas de bandas de cautehouc com-pacto, o que annulla as trepidações.

Os raios das rodas são de aço, directos nas de direcção, e directos e tangentes nas motoras, o que torna o vehiculo resistente e leve.

Além de muitas outras vantagens, teem estas carruagens a de estarem ao alcance do conductor todas as alavancas de manobra, e a de poderem fazer curvas de pequenissimo raio, e recuar, á vontade do conductor.

Cheio o reservatorio com 30 litros de essencia, é o sufficiente para um percurso de 200 a 250 ki-lometros.

A velocidade que estas carruagens podem ad-quirir, varia de 5 a 18 kilometros por hora, san-gundo o estado das estradas, podendo subir ram-pas de 10%.

Dois freios de grande força permittem fazer parar o vehiculo rapidamente.

Teem ainda os vehiculos *Rossel* a propriedade de serem facilmente desmontaveis, sendo a caixa fixa ao carro apenas por quatro parafusos; e este mesmo formado por duas peças.

Os carros *Rossel* obtiveram o primeiro premio no concurso de automoveis de Spa no anno pas-sado, onde a sua elegancia, ligeireza e facil funcionamento causaram enthusiasmo.

O seu inventor (*frue des Serrazins*, 82; em Lille, França) fornece-as mediante pagamento de um terço, no acto da encomenda, e dois terços no da entrega; garantindo-os por tres mezes contra qualquer peça que não funcione bem, sem indemnização alguma.

Os preços dos carros eguaes ao que damos em gravura é de 5:800 francos, ao qual ha que juntar 570 francos de accessorios.

## ACERCA DO PRIMEIRO MARQUEZ DE NIZA

D. Vasco Luiz da Gama, quinto conde da Vi-digueira, e, desde 18 de outubro de 1646, primei-ro marquez de Niza, foi homem d'instrucção e gosto, e, o que é mais, amigo e protector das bellas artes e das letras, realçando com estes predicados a sua illustre prosapia e utilizando em proveito seu e dos outros os recursos da sua opulenta casa. Herdeiro d'ella aos vinte annos, por morte de seu paê D. Francisco da Gama, quarto conde da Vidigueira e vice-rei da India, occorrida em julho de 1632, tendo casado n'este mesmo anno com D. Inez de Noronha, filha de Simão Gonçalves da Camara, terceiro conde da Calheta, capitão-donatario da ilha da Madeira, e da condessa D. Maria de Menezes e Vasconcellos, sua primeira mulher, filha de Ruy Mendes de Vasconcellos, primeiro conde de Castello-Melhor, aparentado com grande parte da nobreza, o jo-ven fidalgo, protegido pelo herço e pela fortuna passou o tempo que decorreu desde ahí até á época da restauração patria, occupando-se já na vida de familia e no manejo do solar herdado, já nos entretenimentos proprios da alta posição que lhe cabia na hierarchia social; quebrada porém a vergonhosa e destruidora cadeia que agrihoava a nação portugueza á nação hespanhola, separa-dos os dois reinos que só unira o fatal poder das circumstancias, restituído a si e á liberdade o paiz inteiro, Lisboa em poucas horas, Portugal em poucos dias, as colonias, mal receberam a fausta noticia, tão apparente e debil, tão insup-portavel e contraria aos sentimentos nacionaes era a união, apesar de sessenta annos de existen-cia, o descendente de D. Vasco da Gama entrou com passo firme na scena politica, pondo ao ser-viço dos seus compatriotas, como era de esperar, o seu zelo e intelligencia. Aproveitou-o logo D. João IV, e, decorridos só dezeseis mezes depois da revolução, nomeou-o para um dos logares mais necessarios e melindrosos, a embaixada ordi-naria de França, vaga pela retirada do montei-ro-mor Francisco de Mello e de Antonio Coelho de Carvalho. A 9 de abril de 1642, contando ape-nas trinta annos, partiu o conde da Vidigueira de Lisboa, levando por secretario Antonio Moniz de Carvalho, que já o fora em 1641, na missão de Dinamarca e Suecia, de Francisco de Souza Cou-tinho, e a 7 de fevereiro de 1646, tratados os ne-gocios de que ia incumbido, voltou ao reino. Foi porém breve a sua ausencia de França, porque a 7 de fevereiro do seguinte anno entrou nova-mente em Paris, já marquez de Niza, com o titulo de embaixador extraordinario, e n'ella se deteve até abril de 1649.

Seis annos residiu portanto este nosso diplo-mata junto de Luiz XIII e de Luiz XIV, menor, sob a regencia de Anna d'Austria, ou, antes, do cardeal Mazarino, prestando de ambas as vezes os mais relevantes serviços á causa nacional. Tão longa permanencia na côrte de um dos paizes mais civilizados da Europa contribuiria bastante, sem duvida, para desenvolver-lhe a cultura já adiantada do espirito e a predilecção pela littera-tura e bellas-arts, ao que também o estimulava o desejo de emular ou imitar a ostentação dos nobres de França, com que tractava, quer em vir-tude das suas funções officiaes, quer particular-mente. Não era porém só aos olhos d'elles que o moço embaixador ambicionava distinguir-se; vi-sava outrosim a enriquecer de preciosidades de todos os generos a sua casa em Portugal, e a tor-nal a a primeira ou uma das primeiras, para cor-responder á fidalguia de seus pergaminhos e aos elevados logares que occupava e tinha fé de vir a occupar, porque aspirava sempre a novas honras e confiava em merecel-as. Nem se enganou nos seus sonhos; pois com o andar do tempo foi de-

putado da Junta dos Trez Estados, do Conselho d'Estado e de Guerra de D. João IV, e depois de D. Alfonso VI e D. Pedro II, sendo principe, e um dos ministros do despacho das juntas noctur-nas na regencia da rainha D. Luiza, nomeado embaixador extraordinario aos papas Urbano VIII e Innocencio X, embaixadas que não chegou a effectuar pela abstenção de relações diplomaticas em que então a Curia se conservou a nosso res-peito, cedendo á pressão sobre ella exercida pelo gabinete de Madrid, um dos plenipotenciarios da paz com Hespanha em 1668, vedor da fazenda e estribeiro-mor da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya. Pretendeu também ser camareiro-mór do principe D. Theodosio; mas não achamos vestigio de tel-o conseguido, ao que obsta-ria, de suppor, a tenra idade em que morreu o principe: dezoze annos. D'esta maneira servia a nação que representava com o maior luzimen-to, servia o seu gosto, e aproveitava o ensejo para opulentar e ornar o seu palacio em Lisboa, a egreja do convento do Carmo da sua villa da Vi-digueira, a que parece tinha grande afeição e onde foi sepultado, assim como D. Vasco e os descendentes d'este, e porventura outras casas e edificios religiosos que formavam parte do seu rico patrimonio. A occasião não podia ser me-lhor: ajudavam-o em seu empenho o logar, cen-tro intellectual de grande importancia, a proximidade a que ficava de Italia, Allemanha e Hollan-da, a distincta posição que occupava como em-baixador de Portugal, e as relações directas ou indirectas adquiridas e mantidas á sombra d'ella ou á propria, não só com os principaes homens da França, mas também com os seus conterraneos residentes em França ou espalhados pela Europa, com que tinha d'ali muito mais facil correspondencia do que se estivesse no reino.

Estimulado pois do pendor da natureza, dos acasos da fortuna, e não menos dos conselhos de portuguezes letrados, que sempre os teve fa-miliares na cidade de Paris, o joven diplomata constituiu-se mecenaz d'alguns escriptores, umas vezes em beneficio da patria, outras no seu, e, to-mado da febre de colleccionador, não se poupou nem a incommodos, nem a despesas para satisfa-zer seus ardentes anhelos. Esse enthusiasmo du-rou emquanto residiu fóra do reino, e, restituído a elle, não esmoreceu, criou novas forças e mais se desenvolveu, segundo parece.

(Continúa)

Ramos-Coelho.

## SCENAS DA VIDA AÇORIANA

### DRAMA NO MAR

Aproveitando o silencio da noite, e vogando a remo surdo, havia bem um quarto de hora que a lancha vinha seguindo cautellosamente na som-bra da costa. Por fim, junto do *Pesqueiro Raso*, parou, e os quatro remadores e o homem do leme ficaram immoveis, apurando para terra os olhos e o ouvido. Mas não se via ninguem, nem se es-cutava o menor ruido.

A noite ia alta, serena, d'uma calma profunda; o céu estava semeado de estrellas n'um enxamear de astros palpitantes, e a Via Lactea lançava de lado a lado a sua gaze alvejante de luz sideral em formação. As rochas abruptas erguiam os vultos negros, de um corte nitido sobre a limpida trans-parencia do azul estrelado, e o mar, d'uma man-sidão de lago, subia e descia lentamente em vol-ta dos rochedos, sem uma franja de espuma, sem a voz das vagas, apenas com um marulhar doce, como uma carícia.

Naquella costa da Fêteira, toda de grutas fun-das, de arcarias prismaticas, onde de ordinario o mar entra com fracasso, estrondeando por aquel-les fundos mysteriosos de caverna maritima, e comprimindo o ar que se escapa ruidosamente, fazendo repuchar a agua em jactos pulverizados, — havia n'essa noite uma larga quietação, como se o Gigante Azul descançasse do seu barafustar seguido. A lua, em quarto crescente, cahia para o horizonte, e, como uma lampada de sacratio, quasi illuminava sómente essa região afastada, lá na paz longiqua dos espaços interplanetarios. Toda-via, a sua luz fina imprimia, em terra, relevo mais vigoroso a um panno de rochas, e, coando-se pe-las arestas das penedias, vinha dar maior transpa-rencia ao azul liquido do mar, de uma limpidez fria de crystal fundido, sobre que a lancha mal ba-louçava.

Os tripulantes continuavam a não ver nem ou-vir nada: nenhuma sombra se movia, nenhum som differente cortava a chiada dos grilos elevando-se

na noite socegada. Então, um dos marinheiros levou as mãos à bocca e soltou um assobio prolongado. Quasi em seguida respondeu-lhe outro assobio, e uma forma humana appareceu distincta sobre as rochas que a lua illuminava. E, successivamente, outros homens se ergueram da terra e vieram saltando de pedra em pedra sobraçando fardos... Depois caíram n'uma sombra, sem que da lancha os tornassem a vêr; mas em breve sentiram as suas vozes sobre o *Prespeiro Raso*. O homem do leme ordenou então em voz baixa: «Rema! rema! São elles...» Os pesados remos mergulharam n'agua e bém depressa a embarcação se achou junto da pedra. «Salta!» — e oito homens, carregando pequenos saccos, saltaram confusamente para dentro da lancha. Um d'esses homens, pelo modo por que fallava e dirigia o embarque, dava-se logo a conhecer: — era um *engajador*; ao passo que os sete restantes, agarrados ás suas pobres trouxas de roupa, de maneiras tímidas e contrafeitas, caras quasi imberbes, percebia-se serem rapazes fugidos ao recrutamento, tendo alguns ainda nos olhos as ultimas lagrimas da despedida.

— Não ha mais ninguem?

— Não!

— Então larga!» e de novo os remos caindo n'agua afastaram da costa a pequena embarcação, a negra embarcação carregada de saudades, de duvidas, de esperanças, — que Deus sabe se se realisariam!...

Mas de repente, em terra, o vulto de uma mulher appareceu, e a sua mão agitava-se no ceu luminoso; depois a voz d'ella chegou clara e distincta:

— «Adeus, meu filho, adeus!...» Então, um dos rapazes ergueu-se á proa, levantou o braço, exclamou: «Deus fique com minha mãe!...» e desatou em soluços. Os outros choravam tambem, emquanto sobre a praia, cada vez mais distante, o braço da pobre mãe acenava sempre... Por fim o vulto caiu de joelhos, e atravez do espaço percebia-se essa prece fervorosa, essa prece molhada de lagrimas, subir docemente para as altas regiões estellares, como um fumosinho branco elevando-se d'aquelle coração de mãe...

\* \* \*

— «Basta de choraadeiras, corja de maricas!...» gritou finalmente o homem do leme n'um tom rude e aggressivo, depois, voltando-se para o engajador, perguntou:

— Por que alturas deve estar o navio?...

— Disse-me o capitão que pelas duas horas da manhã appareceria por aqui...» Tirou o relógio, avivou a brasa do cigarro junto do mostrador, acrescentou: «E para as duas só falta um quartinho...» Poz-se de pé sobre a tilha, collocou as mãos em aba por cima dos olhos, concentrando todo o seu poder de visão, e sondou o horizonte minuciosamente. Nenhuma luz, porém, se mostrava. «Diabo...» murmurou elle.

Como a terra se achava já muito afastada, fundida toda no mesmo tom azul fracco, só com a cabeça do Morro de Castello Branco aclarando-se um pouco em pincelladas vagas de luar, o mestre mandou cessar de remar e esperaram.

Esperaram talvez uma hora e avistaram então, muito ao longe, o brilho de um pharol, que parecia fazer-lhes signal. — Com a proximidade da madrugada começou a soprar uma ligeira aragem; desfraldou-se o panno, e, os remos ajudando, a lancha fez proa ao navio. Sentado no pannelo da pópa, o pé descalço trincando a escota, a mão na cana do leme, o mestre não descravava os olhos d'essa luzita distante; mas afigurava-se-lhe antes que ella cada vez se apagava mais, e uma certa inquietação ia-o ganhando. Trocou um olhar com o engajador, indicou-lhe o nascente. Vinda effectivamente rompendo a manhã, e aquella mancha de prata fria augmentava lentamente no céu oriental, dissolvendo-se pelo azul.

Com o despontar do dia, a brisa tinha refrescado, e agora não se precisava mais do auxilio dos remos que foram deitados no fundo da lancha, dois de cada lado, as quatro pás juntas á proa. Entretanto as estrellas empallideceram, a vibração luminosa da manhã tornava-se cada vez mais intensa. Na embarcação distinguiram-se já todos os rostos, mergulhados n'aquelle fluido branco e frio da alvorada. O mar começava de enrugar-se e cardumes de toninhas corriam velozmente, lançando-se fóra d'agua com o jacto luzente dos seus corpos afusados, tornando a cair na massa liquida, para saltarem de novo... Mas já todo o oriente estava ruborizado, e algumas nuvens altas inte-cendiavam-se, como chammainhas soltas. Finalmente, n'um esplendor de raios, o sol saiu das

aguas, e dentro em pouco, desde lá, do extremo horizonte, até junto da lancha, poz sobre o mar um veio resplendente de ouro liquido...

E acerca do navio, nada. Havia muito que o pharol que tinham seguido durante a noite, se sumira de todo. O que fazer?... A terra ficava-lhes a umas quinze milhas de distancia e apparecia ao longe como uma sombra onde a luz não chegava ainda bem; apenas a parte superior do Pico, todo um, estava cheia de sol.

Passou-se assim o dia inteiro, bebendo aguardente das duas bihas, com rolhas de sabugo, que tinham vindo para o que desse e viesse, comendo os pobres fugidos do bolo torrado que levavam dentro das trouxas, e que rescendia a milhã cheirosa. Os marinheiros, por si, pouco comiam; tendo que fumar e que beber, não careciam de mais nada.

Quando a noite se avisinhou, sem que nada apparecesse, e sem que tivessem tentado approximar-se da terra com medo de serem presos, um dos rapazes disse por ultimo ao homem do leme:

«Se a gente voltasse para terra? .. Já se vê que o navio não vem cá!...»

O outro teve um sorriso singular e retorquiu: «Vamos voltar, vamos... mas mais logo...» Ao mesmo tempo, procurou com os olhos os olhos do engajador e successivamente os de todos os marinheiros; e deviam ter-se entendido, porque a mesma expressão de ferocidade se espalhou n'aquelles rostos endurecidos.

Entretanto a luz morrera de todo, o vento soprava rijo, e a noite que se adeantava, não era de certo como a passada. O céu estava coberto de nuvens ameaçadoras, que corriam com rapidez por deante da lua, e o mar, picado, respingava já, de forma que era preciso manobrar para lhe fugir.

— «Olé, temos trabusana! rosnou o mestre. O vento voltou ao sudoeste com quatro pedras na mão; raios o partam!... É bom para correr, mas não tarda ahí vagaria como burro...»

«Bonito! Só faltava este aguaceiro...»

Fustigada pelo vento que crescera, a chuva batia nos rostos com violencia, e em breve todos ficaram alagados dentro da lancha. Os fugidos, cheios de susto, soltavam exclamações de receio, de pavor, de espanto, e gritavam de vez em quando: «Jesus! Vamos morrer aqui!...»

A lancha correndo quasi á pópa, erguia-se de vez em quando sobre a vaga, e aguentada bem direita pela pericia do mestre, ia de cabeça baixa em cima do cachão que lhe servia aos lados, até que, passado este, cahia atraz no vasio das ondas, para tornar a ser levantada e atirada para a frente. A todo o momento parecia que a fragil embarcação ia submergir-se. E refrescava sempre.

— «Arria o pique da vela!» gritou o mestre. Immediatamente um homem ergueu-se, poz-se de pé sobre o banco, tirou a vara, que enfiou por baixo dos bancos; mas a parte superior do panno, solta, começou a bater com força. «O cavallo! deita-me essa ponta d'esse panno p'ra sotavento e amarra-a!...» E como uma vaga enorme lhe fizesse guinar a lancha, muito carregada, pondo-a em risco de se voltar, elle tomou finalmente a sua resolução, e exclamou para os companheiros: «Eh! rapazes, vamos a isto!... O que hade ser ao tarde seja ao cedo... Elles sempre tem que ir, que lá p'ra sermos agarrados e calcurrear p'ra cadeia, e ficarmos no risco de perder o dinheirinho, é que nós não estamos... Acabemos com isto!... Demais a mais a lancha já não aguenta, e se havemos de morrer todos...»

Então uma scena horrivel se passou dentro d'aquelle embarcação batida pela tormenta, no meio d'essa sinistra noite. Os quatro marinheiros e o engajador atiraram-se aos rapazes e tentaram deital-os ao mar. Foi uma lucta encarniçada, que a lua, afogada em nevoa, apparecendo e desaparecendo vertiginosamente por entre buições de nuvens negras, allumiava de fugitivas claridades hallucinantes.

Os desgraçados gritavam, choravam, imploravam a vida aquelles miseraveis, clamavam por Deus, agarravam-se aos seus algozes, agarravam-se á lancha com a ancia da agonia. Mas um, finalmente, não poude resistir mais, foi atirado ao mar, e, engulido pelas vagas, logo desapareceu... O barco corria veloz!... Depois, outro teve a mesma sorte, e outro em seguida, e em pouco tempo só restavam dois. Estes, porém, eram mais fortes, oppunham uma resistencia mais tenaz, mordiam as mãos dos que queriam agarrar-os. Tres vezes quasi deitados fóra, tres vezes tinham conseguido voltar para dentro da lancha, e agora mesmo, de novo lançados á agua, e apesar de todos os esforços dos marinheiros, as suas duas ca-

beças appareciam uma de cada lado, nuas, alagadas, as boccas contorcidas e clamorosas, pedindo socorro, pedindo piedade, ao passo que as suas mãos crispadas se aferravam á borda com uma tenacidade invencivel. Se lhes desprendiam uma, a outra segurava-se melhor, fixava-se como uma ventosa, com essa força que só a ancia de morrer pôde dar. Era uma lucta terrivel, monstruosa, mas que terminaria brevemente, porque aquelle era o supremo arranco. O homem do leme, porém, exclamou: «Raios!... A machada!... Acabem vocês com isso, que já me está engulhando o estomago!...» A estas palavras um marinheiro veio á pópa, baixou-se, tirou de sob a tilha uma machadinha de cabo curto, encaminhou-se para deante, e successivamente, com dois golpes rapidos, cortou duas d'aquellas mãos renitentes. Então as outras desprenderam-se por si, as duas cabeças sumiram-se, os corpos mergulharam, tornaram a apparecer um momento, mas a lancha fugia sempre, sempre, e pouco tempo depois, nos brados lamentosos do vento e do mar, só parecia ouvir-se ainda ao longe, muito ao longe, cada vez mais longe, gritos d'angustia dilacerantes, como berros de rezes, que se degolassem no seio da tempestade!...

Horta.

Florencio Terra.

## AS ANDORINHAS \*

Ao teu eirado as andorinhas  
Chegaram hontem; vi-as chegar;  
Vinham caçadas as coitadinhas.  
Ha tantos dias sempre a voar!

Vinham do clima lá da Moirama,  
D'alem do estreito de Gibraltar,  
Do chão que vívido o sol inflamma,  
Por sobre a terra, por sobre o mar.

Porém ao longe, mal avistaram,  
Entre a verdura teu niveo lar,  
Alento novo, maior cobraram;  
Eil-as o vôo logo a apressar

Ah! como alegres o ar fendiam,  
Sem um momento sequer parar!  
É que os seus ninhos já descobriam;  
É que te viam, anjo sem par.

Uma, de todas certo a mais bella,  
Onde é que havia d'ir-se poisar?  
Da tua alcova sobre a janella;  
E por ti poz-se como a chamar.

Já entreaberta era a vidraça;  
Inda te estavas a pentear;  
No teu cabelo, manto de graça,  
Vinham os raios do sol brincar.

És tu que chegas, ó minha amiga?  
Disseste, abrindo-a; e ella a piar;  
Eu já conheço tua cantiga;  
Vem minhas magoas suavisar.

Ha muitos dias que te aguardava;  
A primavera vae começar.  
N'isto entre as mãos a agasalhava;  
E ella deixava-se agasalhar!

Procura o ninho que te hei guardado;  
Tu bem te lembrás do seu logar;  
Ditosa ahí vive com teu amado.  
Só eu não posso na terra amar!

A taes palavras, no ar soltou-a;  
E a ave, em jubilo, a pipilar,  
Ao ninho perto correndo voa,  
Emquanto a joven quêda a scismar.

Ah! scisma, e attende as preces minhas;  
A primavera vae começar;  
Se és piedosa co'as andorinhas,  
Sê piedosa com meu penar.

As andorinhas são meus desejos;  
Para ti andam sempre a voar;  
As andorinhas são os meus beijos;  
N'esses teus lábios querem poisar.

\* Do livro *Lampejos*, de Ramos-Coelho.

Seus longos pios são minhas queixas;  
Mas o que vale tanto queixar?  
D'alma a janella fechada deixas;  
E fico sempre, sempre a esperar.

Ramos-Coelho.



Recebemos e agradecemos

**Mel e Pimenta** (contos modernos) de Ernesto Paula Santos. Atelier Miranda. Rua Padre Nobrega — 1896.

Adornado com o retrato do auctor, e illustrado com varias lithographias, este delicioso volumezinho de contos, nitidamente impresso, encerra produções litterarias de valor.

Segundo a phrase de um seu contemporaneo e conterraneo Ernesto Paula Santos, o presente livro é um reflexo da indole sadia e travessa do auctor, em cada palpitação, em cada phrase, a malicia, mas tenue espinho junto a rosas de linguagem.

*Mel e pimenta* compõe-se dos seguintes graciosos contos: *Os fininhos finamente burlados*:

*Mel e pimenta* — *O segredo da caixa* — *Sonho de noiva* — *Voltar ao passado* — *O áedal* — *De caixeiro a socio* — *Beijos e rosas* — *Ave indiscreta* — *Idyllio no trem* — *A mãe e filha* — *Visinha mysteriosa* — *Equivoco*, sendo estes dois ultimos realmente encantadores.

**De Ruada**, poesia por Antonio Noriega Varela. Luarca. Imp. de Rollan y Compañia.

Por amabilissima oferta do auctor, recebemos este poemeto premiado no certamen litterario de Mondoñedo cujo jury foi formado na Coruña pelos srs. Murguia, presidente; Pondal, Ballesteros, Novo y Martinez Salazar, vogaes.

O thema dado fora «uma poesia em gallego, descrevendo um costume do paiz», por indicação de D. Ramón Bustello, deputado provincial por Mondoñedo — Ribadeo, que não só custeou a impressão do presente folheto, como tambem foi quem offereceu o valioso objecto d'arte que se conferiu como premio.

O auctor do poemeto *De Ruada* desempenhou-se perfeitamente do ponto do concurso, porquanto descreve com graça e naturalidade, na harmoniosa linguagem da sua terra, varias scenas rusticas, presenciadas n'uma digressão, e um baile na aldeia de Cesuras, acompanhando-as de trovas de pronunciado sabor popular que evidenciam no sr. Noriega Varela um bello talento que ora desabrocha em promettedoras flôres poeticas.

Para aquelles que apreciam os verdadeiros primores da litteratura gallega, que tão bellas cultores hoje possui, aqui fica a indicação do encantador poema *De Ruada*.

**Impressionistas** por José Augusto de Castro. Lisboa. Typographia de A. M. Pereira. 1896.

N'uma edição elegante — nitida, em magnifico papel, publicou o conhecido editor lisbonense A. M. Pereira o voluminho intitulado: *Impressionistas*, phantasias em prosa, original do sr. José Augusto de Castro, cujo nome nos era já familiar por outros trabalhos litterarios de feição patriótica taes como *Vozes Populares*, *Echo Patriótico*, *Poesias*, *Nuens*, etc.

A bagagem do sr. J. A. Castro, pois não é das mais somenos, para breve nos promete um novo livro de versos, que será publicado com o suggestivo titulo de *Luarca*.

Phantasias em prosa, o livro que temos presente, distingue-se por uma forma ligeira, como ligeiras devem ser todas as impressões segundo a classificação psychologica. As theorias que ás vezes se revelam nos delicados pensamentos expendidos, dão a nota vaga de um scepticismo, de uma saudade. N'outras composições ha um extranho sabor indefinivel de amor e confiança.

O *beijo avarento* merece especial menção, como o *Crente* e outros capitulos que interessam e agradam.

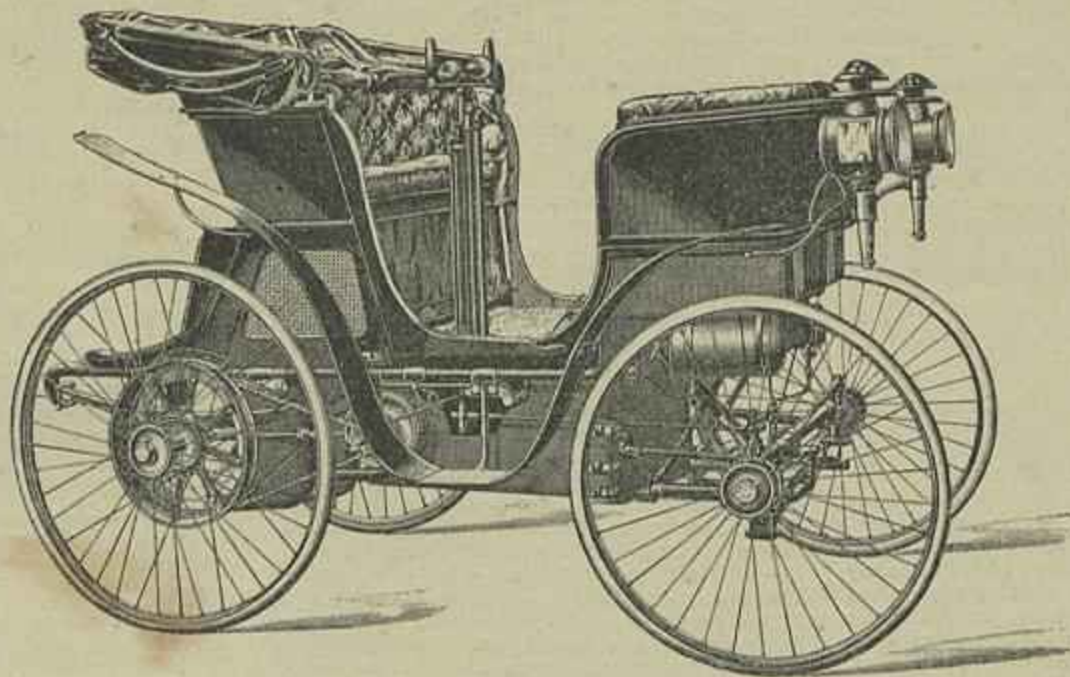
No numero passado, tivemos occasião de apresentar aos leitores um excerto de tão suggestivo livro.

As *Impressionistas* devem, pois, fazer longa carreira.

**Servindo a Patria** — Lithographia Portuguesa, S. Lázaro, 429. Porto. 1896.

Recebemos este folheto, em formato maximo, dedicado ao ex.<sup>m</sup> sr. João A. de Brissac das Neves-Ferreira, homenagem prestada pelos seus amigos do Porto.

## AUTOMOBILISMO



CARRÓGEM ROSSEL.

Acompanha o folheto, um magnifico retrato do sr. Neves-Ferreira, e além das *Palavras de Concordia* que precedem o texto principal do folheto contem as varias noticias e informações publicadas, em tempo, pelos jornaes e que são favoraveis á politica do sr. commissario regio da India.

**Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa** 15.<sup>a</sup> serie n.<sup>o</sup> 5 e 6. Imprensa — Nacional 1896.

De tão patriótica aggremação scientifica, temos recebido regularmente o seu importante boletim, no qual já hoje se encerra grande numero de notaveis trabalhos de subido alcance, crescido agora com os presentes.

O summario do n.<sup>o</sup> 5 é o seguinte:

*Commemoração do quarto centenario da partida de Vasco da Gama para a India* por o visconde de Soveral; *Brevs apontamentos para a historia politica do Fozza*; *As lanchas canhoneiras das recentes operações de Lourenço Marques* (comunicação feita á Sociedade de Geographia, em sessão de 3 de fevereiro de 1896) por Vicente Almeida d'Eça; *A Madeira e o dr. Douglas* (memoria dirigida á Sociedade de Geographia) por Guilherme Telles de Menezes; *O Inhampallada*, *Cartas geographicas e topographicas, gravadas ou manuscritas* conservadas na bibliotheca publica de Evora por Gabriel Pereira; *Finances coloniales*, por Tito de Carvalho; *Vasco da Gama et la découverte de l'Océanie*, carta de Luciano Cordeiro a Mr. Luiz Vidart, da Academia de Historia de Madrid; *Bibliographia*, etc. *America austral*, O n.<sup>o</sup> 6 contem cartas escriptas da Ame-

rica, nos annos de 1882 a 1883 pelo nosso mallogrado amigo e illustre extinto A. Lopes Mendes, sendo esta a terceira parte.

**Quarto centenario do descobrimento da India.** *Hymno*, letra de Fernandes Costa. Musica de Augusto Machado. Lithographia da Companhia Nacional Editora Lisboa.

A presente composição poetica é mais uma brilhante affirmação do fecundo e vigoroso estro do illustre poeta sr. Fernandes Costa, cuja patriótica inspiração se não deixa um só instante de confirmar em produções valiosas e notaveis.

O *Hymno do centenario* é dedicado ao sr. conselheiro Ferreira do Amaral, illustre presidente da commissão executiva do centenario.

**Gazeta dos Caminhos de Ferro de Portugal e Hespanha**, 1 de abril de 1897. Director L. Mendonça e Costa.

Publicou-se o n.<sup>o</sup> 223 d'esta conceituada revista contendo o seguinte summario deveras interessante:

Do norte ao Sul. — A nossa carta da Belgica. — Parte Official. — Taras vasias. — Serviço para Thomar. — Automobilismo. — Notas de viagem. — Valle do Corgo. — Estatisticas. — Parte financeira. — Caminho de ferro de Guimarães. — Novo tunnel em Lisboa. — Viagens circulatorias. — Excursões. — Linhas do ultramar. — Publicações recebidas. — Linhas portuguezas. — Linhas hespanholas. — Linhas estrangeiras. — Avisos de serviço. — Arrematações. — Casas recommendadas. — Agenda do viajante. — Annuncios. — Horario em 1 de abril de 1897. — Vapores a sahir do porto de Lisboa.

### UMA VISTA DA REGOIA

Com respeito a esta gravura publicada no ultimo numero do OCCIDENTE devemos dizer que é copiada de uma outra publicada no *Douro Illustrado*, magnifica edição dos srs. Magalhães & Moniz conceituados e vireiros editores do Porto, e não copia de uma photographia, como se disse.

A Direcção.

## A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO  
EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras  
retratos dos heroes da campanha, vistas de terras  
d'Africa, combates, etc

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE  
LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

O OCCIDENTE acha-se á venda em Paris na livraria Boyveau & Chevillet — Rue de la Banque, 22 — (Pres la Bourse).

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 e 27